

TRABALHO E SUBJETIVIDADE: a carto(foto)grafia como método investigativo da subjetividade de trabalhadores provenientes do setor calçadista¹

Elaine Cristina de Souza²
Daniela de Figueiredo Ribeiro³

1. INTRODUÇÃO

O trabalho é o meio pelo qual o homem busca suprir suas necessidades, alcançar seus objetivos e se realizar. A palavra TRABALHO vem do latim *Tripularium*, que tem como significado “instrumentos de tortura”, no entanto, vem passando por um processo de mudanças de significados e sentidos (RIBEIRO E LÉDA, 2004).

O trabalho, por muito tempo, significou fardo e sacrifício, sendo visto como punição para o pecado. Somente a partir do Renascimento que o trabalho foi concebido como fonte de identidade e auto-realização humana, e a partir daí foi visto como desenvolvimento e condição necessária para a liberdade.

Com o advento da industrialização, passou-se a ter uma intensa valorização do trabalho, em que o indivíduo se transforma em um trabalhador livre e vende sua força de trabalho (ENRIQUEZ, 1999). Por outro lado, na Revolução Industrial a emoção, expressa pelo sentimento e a percepção do trabalhador, é retirada do local de trabalho, e a racionalização é o que mais se repete no mundo dos negócios (RIBEIRO E LÉDA, 2004).

Nesta perspectiva, Chanlat (1994) afirma que o trabalhador vivencia uma maior alienação, na medida em que o tempo de trabalho, no interior das instituições, é controlado, e os resultados frente às metas a serem alcançadas passa a ser responsabilidade do empregado.

De acordo com Fernandes (2008), à medida que o processo de trabalho na indústria movido pela lógica do capital vai se racionalizando, as práticas de camaradagem entre os colegas de trabalho vão, assim dizendo, entrando em declínio, pois o ritmo de trabalho dificulta, e até mesmo impede esse tipo de relação. A autora comenta a decomposição cada vez maior das tarefas e a pressão decorrente da extrema vigilância exigida para sua execução, eliminando, assim, as possibilidades de uma integração harmônica entre o trabalhador e as relações no trabalho.

Ribeiro e Léda (2004) enfatizam a racionalização no mundo dos negócios, onde o cronômetro entra na fábrica e dita regras de convivência para uma nova sociedade, passando assim, a existir novos valores na vida e no trabalho, que são estabelecidos através de horários exatos para chegar e sair da fábrica. O tempo predeterminado para executar uma tarefa, e até mesmo o tempo livre e a quantidade e formas de lazer devem ainda ser adequadas para não interferirem na disposição e produtividade do operário. Assim, ocorre um controle das vidas privadas, através da submissão das pessoas às regras impostas pelas fábricas. O exercício do poder disciplinar atua por meio de instrumentos comuns, como a vigilância hierárquica, que propicia controle das operações dos corpos, e implica uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 1983).

¹ Parte deste trabalho recebeu Subsídio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF. E-mail: elaine_psic3@yahoo.com.br.

³ Doutora em psicologia pela FFCLRP-USP. Docente no Centro Universitário de Franca - Uni-FACEF. E-mail: ribares@netsabe.com.br

Antunes (1997) relata sobre as intensas transformações no mundo do trabalho, que atingiram não apenas a materialidade da classe-que-vive-do-trabalho, mas principalmente sua subjetividade. Na década de 80 ocorreram mudanças marcantes na história do trabalho, em que, de um lado, a tecnologia, a automação e a robótica invadiram o universo fabril, e de outro, surgiram novos processos de trabalho que promoveram flexibilização da produção (ANTUNES, 1997). Desta maneira, para o autor:

houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional, mas paralelamente efetivou-se uma expressiva terceirização do trabalho, com base na enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços; verificou-se uma significativa heterogeneização do trabalho, expressa pela crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário. Assiste-se também a um significativo processo de subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, precário, que marca a sociedade dual no capitalismo avançado, (...). Diminuição do operariado industrial e aumento da classe-que-vive-do-seu-trabalho (p. 107).

Segundo Giacomel et al. (2003), na contemporaneidade surge uma flexibilização ao próprio conceito de trabalho, que não enfatiza apenas o emprego, mas considera também outros modelos de contratos, como “o serviço de terceirização, o trabalho autônomo, informal, temporário, voluntário, as cooperativas e os estágios” (p.138). Diante destes modelos, surge a importância da qualidade não somente na produção de trabalho, mas também nas relações estabelecidas através do trabalho, o que propicia um controle nos modos de ser e agir dos trabalhadores.

A ordem capitalística⁴ é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica, incidindo nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, de afeto, entre outros. Produz-se modos das relações humanas, representações inconscientes e é fabricado um modo de relação do homem com o mundo e consigo mesmo (GUATTARI; ROLNIK, 2000).

Segundo os autores acima citados, a subjetividade é um processo que se auto-produz, que atravessa indivíduos, grupos, sociedades, coletivos, corpos e máquinas. De acordo com Giacomel et al. (2003, p.142) “a subjetividade é igualmente produção em processo e coletividade”.

Por outro lado, os processos de subjetivação acabam produzindo subjetividades singulares, em alguns casos, que são desarticuladas do modelo do indivíduo dócil e submisso. Esta desarticulação dá origem, segundo Guattari e Rolnik (1986), às linhas de fuga, que são rompimentos que os sujeitos fazem com os modelos subjetivos de manutenção do *status quo*, produzindo desta forma, novos espaços de criação, outras formas de existência que redimensionam o campo social, e que para Foucault (1998), redefinem a forma de exercício de poder. Nesta perspectiva, Guattari (1986) afirma que a subjetividade circula de diferentes tamanhos nos conjuntos sociais, pois ela é fundamentalmente social e é vivenciada por indivíduos em suas existências particulares.

A subjetividade pode ser explicitada a partir da busca da compreensão dos processos de produção de desejo, que se estagnados, podem provocar, segundo Ramão, Meneghel e Oliveira (2005) a impossibilidade da construção de novos modos de ser e existir no mundo. Para os autores “o desejo é potência, produção e criação”, e pode provocar singularização se o sujeito estabelecer uma relação de expressão e criação.

⁴ Guattari utiliza-se do termo “capitalística” para caracterizar as sociedades de primeiro e terceiro mundo, capitalistas ou socialistas, que vivem uma relação de “dependência e contradependência do capitalismo”. Assim, tais sociedades não se diferem do modo de produção de subjetividade, e funcionam, ainda, a partir de “uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libido-política”. (Guattari e Rolnik, 2000, p. 15).

Quanto à amostra populacional estudada, observa-se que o mundo passou por significativas transformações no século XX, sendo os jovens os principais afetados, sofrendo fortes impactos em na sua forma de se socializar, relacionar-se com a educação e o trabalho, produzir os seus modos de vida e perceber o mundo (RAITZ; PETERS, 2008). Assim, muitos jovens tiveram os seus sonhos e expectativas abalados, faltando-lhes, muitas vezes, perspectivas para o futuro.

É importante pensar sobre a vulnerabilidade social em que o jovem está exposto. Para Lopes et al (2008, p.64):

O estado de vulnerabilidade social é produzido na conjunção da precariedade do trabalho com a fragilidade do vínculo social, sendo uma categoria capaz de descrever a situação de uma grande parcela da população brasileira. São diversos os fatores que confluem para a dissociação social. A extrema desigualdade, a migração para os grandes centros urbanos, a precariedade de moradia, as características históricas da formação da família nuclear brasileira, em um contexto de precarização do trabalho levam, muitas vezes, a uma situação de rupturas da participação e da coesão social.

Desta maneira, os jovens ficam socialmente vulneráveis na medida em que enfrentam situações de exclusão, podendo vivenciar situações de risco e rupturas na esfera social. Essas situações geralmente acontecem com a juventude dos setores mais empobrecidos da sociedade, que são os mais dramaticamente afetados com a redução do papel do Estado nas áreas sociais, pela reestruturação do trabalho, pelo desemprego estrutural e aumento do emprego informal. (LARANJEIRA; TEIXEIRA, 2008).

Nas últimas décadas houve o declínio e a precarização do trabalho, o que acarretou fortes impactos na imersão dos jovens no mercado de trabalho, principalmente dos setores mais pobres e menos escolarizados. Acerca desta situação foram realizados diferentes estudos, alguns dos quais apontam a etnia como um dos fatores que mais restringem a integração dos jovens na sociedade. (ALMEIDA, 2001; CASTEL, 1999, apud, LARANJEIRA; TEIXEIRA, 2008).

Pochmann (s/d, apud, Laranjeira e Teixeira, 2008) afirma que aproximadamente 49% do desemprego nacional corresponde à faixa etária entre 15 e 24 anos, totalizando 3,3 milhões de jovens desempregados no país. Para compreender a importância dessa situação, Laranjeira e Teixeira (2008) revelam os dados apresentados pelo IBGE (2000), indicando que os jovens representam aproximadamente 34.081.330 de pessoas nesta mesma faixa etária.

O Brasil vivencia intensos conflitos sociais, nos quais os jovens são os principais afetados. De acordo com Negri e Cocco (2005) o país está entre as primeiras posições mundiais em taxas de mortes por homicídio, sendo que nas grandes metrópoles a violência atinge a mesma proporção que a guerra civil colombiana. Os autores afirmam que tal violência afeta principalmente (57,1%) os jovens negros e pardos entre 17-24 anos.

A juventude da cidade onde foi realizado o atual estudo está significativamente inserida no cenário industrial calçadista, formal e informal, o qual representa a principal atividade econômica da cidade.

A consolidação da indústria calçadista no município propiciou crescimento e desenvolvimento urbano, tornando-se um centro de atração populacional, que é indicado pelo significativo aumento da população da década de 1950, em que constavam 53.485 habitantes, para a década de 1980, em que a população passou a 150.160 habitantes, sendo 143.630 residentes na área urbana, havendo ainda um aumento significativo para a atualidade, em que a população se totaliza em 319.000 habitantes (2007).

A partir da década de 1990, com a intensificação da concorrência nos mercados interno e externo, houve um impulso no processo de reestruturação produtiva, em que o empresariado deste setor foi impelido a buscar formas e processos de se produzir bens e serviços com

melhor qualidade, a preços competitivos, e buscou uma relativa inovação tecnológica com novas formas de organização e gestão de trabalho. Este processo gerou inúmeras mudanças como a redução dos custos de produção, a melhoria da qualidade do produto e o aumento da produtividade, o que resultou em redução dos postos de trabalho nas fábricas, em desemprego, na intensificação do ritmo de trabalho, no aumento das horas trabalhadas e do trabalho terceirizado e na exploração do trabalho a domicílio. Nesta perspectiva, Navarro (1998) aponta o crescente movimento de descentralização da produção, gerado pelo processo de reestruturação produtiva a partir dos anos 90. Essa descentralização, denominada “terceirização”, tem por objetivo, segundo NAVARRO (1998, p. 178):

buscar a redução de custos através da exploração de relações precárias de trabalho que se objetivam em diferentes formas: na subcontratação de mão-de-obra; nos contratos temporários de trabalho; na contratação de mão-de-obra por empreiteiras; no trabalho à domicílio; no trabalho por tempo parcial e no trabalho sem registro em carteira, mecanismos esses que buscam neutralizar a regulação estatal e a sindical e que colocam em risco uma série de direitos sociais e trabalhistas, durante conquistados.

A fragmentação do trabalho e as possíveis mudanças ocorridas no setor calçadista provocaram um deslocamento de algumas partes da produção do calçado para as comumente chamadas “bancas de pesponto”, que segundo Navarro (1998), são unidades produtivas especializadas na confecção de determinadas partes do sapato e que são submetidas às fábricas de calçados. As bancas de pesponto são heterogêneas no que se diz a respeito ao tamanho, número de funcionários empregados, regras estabelecidas, formalidades. Algumas funcionam em unidades menores do que às fábricas, mas estabelecem relações formais de trabalhos, outras já coexistem em fundos de quintais, sem contratos formais. Segundo Barbosa e Mendes (2003) no setor informal de prestação de serviços, na realidade, são muitos os casos em que não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa. Pode-se dizer que a classe operária francana nasce e está dentro de casa.

Diante desta realidade, o atual estudo buscou investigar a subjetividade dos jovens do sexo masculino provenientes do setor informal calçadista, e de que forma dão significado a este universo de trabalho. Buscou-se também identificar sonhos, expectativas e frustrações, através da promoção de um espaço grupal de discussão e reflexão sobre a realidade vivida por esses jovens.

2. METODOLOGIA

Em uma primeira fase de pesquisa, realizada nos anos de 2006, 2007 e 2008, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), foi realizada uma pesquisa de contextualização do cotidiano vivido pelos trabalhadores informais. Utilizou-se, para tanto, uma abordagem qualitativa e etnográfica. A abordagem qualitativa, segundo Minayo (1996) consiste em abordar aspectos subjetivos da população estudada, na busca de diferentes significados de experiências vividas, proporcionando assim uma melhor compreensão do indivíduo no seu contexto social, e a constituição de singularidades. A pesquisa etnográfica, por sua vez, de acordo com André (2001), é caracterizada, principalmente, como uma maneira de estudar e descrever a cultura e a sociedade através da aproximação do pesquisador com o grupo pesquisado, de modo que tal interação resulte em uma precisa coleta de dados, compreendendo assim a sua atual realidade, de maneira a entender os significados que são revelados gradativamente através do senso comum.

A segunda etapa da pesquisa, abordada no atual trabalho, foi chamada de fase focalizada e se caracterizou pela compreensão dos significados atribuídos ao trabalho por jovens

trabalhadores de bancas de pesponto. O método utilizado para sua execução foi a carto(foto)grafia, que é a junção da cartografia e a fotografia, dispositivos que nos permitem atravessar a intensidade da vida. Orsolin (2008) acredita que ao conectá-los é possível uma promoção de encontros e uma multiplicidade de universos a serem capturados. Assim os participantes da pesquisa podem entrar em contato com o cenário a ser fotografado e posteriormente interpretar as próprias imagens capturadas.

3. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da atual pesquisa são operários provenientes do setor calçadista da cidade de Franca, localizada no interior de São Paulo, em especial das bancas de pesponto integradas às casas e localizadas em um bairro periférico.

O número de trabalhadores pesquisados são cinco, sendo eles jovens trabalhadores do sexo masculino, de idade entre 16 e 24 anos, já que este grupo, segundo a literatura, se encontra em situação de vulnerabilidade social.

Os participantes da pesquisa podem ser verificados no quadro abaixo:

Participantes	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Local de trabalho	Tempo neste trabalho	Função
Léo ⁵	19	solteiro	E.F completo	Banca de serigrafia (prop)	2 anos	serigrafista
Filipe	24	solteiro	E.M completo	Banca de serigrafia (prop)	2 anos	serigrafista
Rafael	16	solteiro	E.M (cursando)	Banca de pesponto	1 ano	aparador
Carlos	22	casado	E.M completo	Banca de pesponto	5 anos	revisor
Vinícius	19	solteiro	E.F incompleto	Banca de pesponto	4 anos	pespontador

Quadro 1: Participantes da pesquisa

4. COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu em duas fases, a fase exploratória e a fase focalizada.

Na fase exploratória o pesquisador inseriu-se em um bairro periférico tipicamente operário e fez freqüentes visitas em residências onde funcionam oficinas de trabalho chamadas bancas de pesponto, com a finalidade de realizar observações participantes. Todas as observações e conversas informais foram registradas em diário de campo.

A segunda fase, focalizada, apresentou três etapas, que se resumem em captura de imagens, entrevistas individuais e entrevista em grupo focal. Na captura de imagens, os participantes produziram fotografias do seu cenário de trabalho e de vida, utilizando uma máquina fotográfica analógica. Após esta etapa, foram realizadas duas entrevistas individuais com cada participante, onde se buscou investigar o significado das fotografias capturadas e

⁵ Os nomes de todos os participantes são fictícios.

sua história de vida, assim como seus sonhos, expectativas e medos. A última etapa foi a entrevista em grupo focal, em que contou com a presença de três dos participantes, que vivenciaram um momento de troca de experiências e idéias, reflexões e possíveis transformações, a partir da discussão das fotografias e produção de painéis com grupos de imagens, que eles mesmos construíram e nomearam. Segundo Vaughn, Schumm e Sinagub (1996) a entrevista em grupo focal tem como objetivo promover uma discussão livre, mas que consiga atingir com profundidade o tema abordado.

5. ANÁLISE DE DADOS

Segundo Biasoli-Alves (1998), no sistema qualitativo deve-se buscar apreender o significado nas ações e comportamentos dos indivíduos participantes da pesquisa, que estão inseridos num determinado contexto, ao qual deve ser relacionado.

As entrevistas individuais foram analisadas através de uma análise de conteúdo tradicional, de acordo com os moldes propostos por Bardin (1977). Os segmentos de relatos foram separados e classificados de acordo com seu conteúdo, posteriormente a repetidas leituras das entrevistas.

Em seguida, categorias analíticas foram formadas através de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, enquanto que as categorias empíricas foram criadas de acordo com as releituras das entrevistas. Posteriormente, buscou-se estabelecer relações entre tais categorias, inserindo-as no contexto sócio-histórico mais abrangente e no contexto de produção dos relatos (MINAYO, 1996).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atual pesquisa teve como foco o cotidiano e a subjetividade de jovens trabalhadores do sexo masculino, que possuem entre 16 e 24 anos de idade, população que de acordo com Ponchmann (1998) está entre àqueles que mais de sofrem de instabilidade no emprego, representando 49% dos desempregados nacionais.

Os jovens participantes são trabalhadores do setor informal da indústria calçadista de Franca, e ocupam cargos diferentes em distintos locais de trabalho, todos em um mesmo bairro periférico. Dois dos participantes são irmãos e sócios-proprietários de uma banca de serigrafia, que funciona em um cômodo na própria residência. Dois outros participantes trabalham como aparador e revisor na maior banca de pespontos que existe no bairro, construída há aproximadamente um ano em um barracão independente da residência do dono. O outro participante trabalha como pespontador em outra banca de pesponto do bairro, que tem o ambiente de trabalho e ambiente domiciliar fundidos. Esta realidade confirma as afirmações apontadas por Antunes (1997) e Cocco (2000), ao apontarem as transformações no mundo de trabalho, que acarretaram a flexibilização da produção, assim como o surgimento de micro-atividades industriais, formais e informais.

A vida da maioria dos participantes é marcada pelo trabalho, sendo que todos eles tiveram seu primeiro emprego antes dos 16 anos, o que assente os dados revelados por Martins (2001) na realização de sua pesquisa, em que os jovens têm sua vida marcada pelo trabalho, sendo que a maioria deles experimenta essa vivência precocemente.

Os participantes relataram suas trajetórias de trabalho de diferentes maneiras, o que caracteriza o modo de perceber o mundo do trabalho atualmente. O que se observa nessas diferentes experiências vivenciadas pelos jovens trabalhadores é que a partir delas cada um produz o seu próprio modo de perceber e existir no mundo, tal como que afirmam Raitz e

Petters (2008), enfatizando a relevância da sociedade na formação das identidades. Portanto, a subjetividade desses trabalhadores é produzida a partir das relações estabelecidas com o mundo, como aponta Guattari e Rolnik (2000).

Aqui vale a pena dizer que o foco último dos entrevistados parece sempre ser a recompensa financeira, não havendo reflexões sobre a realização ou sentido do trabalho. É possível estabelecer pontes com o conceito de produção de subjetividades capitalísticas, em que o sujeito vê seu valor naquilo que produz, sendo assolado pelos valores dominantes, ou seja, a obtenção do poder de compra, ascensão social, almejando ser um cidadão-consumidor.

Em concordância com Martins (2008) ao enfatizar a importância de se pensar o desemprego, é relevante apontar a angústia e o medo que surgem nos jovens quando pensam sobre esta possibilidade ou relembram as experiências já tidas nesta perspectiva. Na entrevista em grupo focal, os três jovens participantes formaram um grupo de fotografias, intitulado “Crise”, no qual ficou exposto o desespero que os atravessam quando são obrigados a passar por situações decorrentes da crise. Todos os jovens participantes já vivenciaram situações assim, principalmente pela instabilidade do setor informal. Um dos participantes relata:

“Esse ano foi difícil. Ele falou que ia voltar no carnaval e não voltou. Vai dando um desespero. Eu ficava em dia o dia inteiro, a toa, escutando falação, sem dinheiro para pagar as contas.”

Partindo desta realidade, pode-se afirmar que os jovens trabalhadores do setor informal calçadista são socialmente vulneráveis, na medida em que possuem um trabalho precarizado e vivem numa constante instabilidade de emprego, o que confirma a pesquisa de Lopes et al. (2008). Estes jovens são pertencentes à camada popular e são dramaticamente afetados pela desestrutura e insegurança do seu próprio trabalho, o que reforça a afirmação de Laranjeira e Teixeira (2008), ao apontar que os principais atingidos com as transformações ocorridas neste universo são os jovens dos setores mais empobrecidos da sociedade.

O atual estudo revelou, ainda, que a fotografia como método investigativo permitiu que cada participante entrasse em contato com o seu próprio mundo, descobrindo e revelando um pouco de si, como aponta Silva e Koller (2002). No entanto, para compreender as imagens captadas foi necessário o conhecimento do meio em que os participantes estão inseridos, o que reforça as colocações de Tacca (2005), ao enfatizar a importância de conhecer o campo no qual o fotógrafo está imerso. Alguns feedbacks sobre o processo vivido foram dados pelos participantes, que expuseram o sentimento positivo de terem fotografado cenas do seu cotidiano, como pode ser observado nos relatos a seguir:

“Foi bom tirar as fotos, (...). O que eu mais gostei foi de tirar as fotos, porque eu pensei que não ia ter do que eu tirar, e teve de várias coisas. Foi legal!” (Léo)

“As fotos faz a gente pensar. Tem coisas que a gente passa no dia a dia que a gente não vê, mas na hora que você tá tirando e vendo as fotos você consegue lembrar de alguma coisa, parar para pensar.” (Filipe)

Assim como as fotografias foram importantes para entrar em contato com o seu próprio universo, as entrevistas, principalmente a entrevista em grupo focal, foram essenciais para a troca de experiências e reflexão acerca de seus modos de vida. Em concordância com VAUGHN, SCHUMM & SINAGUB (1996) a entrevista em grupo focal permitiu o contato direto dos participantes, que puderam conversar informalmente, e revelar aspectos profundos de si, na medida em que houve espaço para partilha, trocas, afecções, e conseqüente reflexão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, pode-se concluir que a população estudada está inserida em uma realidade procedente de transformações ocorridas no mundo do trabalho, principalmente a partir da década de 90. Os jovens trabalham no setor informal da indústria calçadista, vivenciando assim, condições precárias de trabalho, má remuneração e constante instabilidade de emprego, o que aponta a vulnerabilidade social a qual estão expostos. Neste âmbito, todos os jovens já vivenciaram experiências constrangedoras em relação à falta de trabalho, e demonstram medo e angústia ao lembrar as situações pelas quais passaram.

Imersos em um determinado campo social, são poucos os jovens que ousam questionar sobre o sentido do seu trabalho e o seu modo de vida, na medida em que o trabalho é, para eles, primordialmente um meio de sobrevivência imposto pela vida. Os jovens, de certa maneira, não escolheram o trabalho que os realizassem, e sim aproveitaram as oportunidades que lhe apareceram. Desta maneira, a maioria dos participantes vive em um universo com possibilidades cristalizadas, o que os impossibilita de construir novos modos de ser e existir no mundo, alojados na alienada lógica dominante, aprisionados à subjetividade capitalística. No entanto, alguns, ainda mesmo que sutilmente, conseguem ver novas possibilidades e tecer algum desejo de transformação.

É relevante esclarecer ainda que este é um estudo preliminar, que possibilitou um conhecimento e compreensão inicial acerca de uma limitada amostra de jovens trabalhadores do sexo masculino do setor informal calçadista. Para que as questões estudadas sejam ampliadas e aprofundadas é importante que sejam realizados novos estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. 6.ed. Campinas: Papirus, 2001.

ANTUNES, Ricardo. Para onde vai o mundo do trabalho? In: ARAÚJO, Ângela M. C. (orgs). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 70. ed. Lisboa, 1977.

CHANLAT, Jean-Francois. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas, 1994.

COCO, Giuseppe. O pós-fordismo. A nova qualidade do trabalho vivo. In: _____. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 2000. cap. III, p. 95-98.

ENRIQUEZ, Eugene. Perda do trabalho, Perda da Identidade. In: NABUCO, Maria Regina; CARVALHO NETO, Antonio (orgs). *Relações de Trabalho Contemporâneos*. Belo Horizonte: IRT da PUC de MG, 1999.

FERNANDES, Maria Esther. Da manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário. *Cadernos CERU (USP)*, v. 10, p. 115-144, 2008.

FOUCAULT, Michael. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.

GIACOMEL, Angélica Elisa ET al. Trabalho e contemporaneidade: o trabalho tornado vida. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST Patrícia Gomes. *Cartografia e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 91-101.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 25-45, 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 116-121, 2001.

LARANJEIRA, Denise Helena P.; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Vida de jovens: educação informal e a inserção socioprofissional no subúrbio. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, Jan./ Abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 15 Ag. 2009.

LOPES, Roseli Esquerdo et al. Juventude pobre, violência e cidadania. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 3, Jul./ Set. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000300008&script=sci_arttext. Acesso em: 15 Ag. 2009.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. *Tempo Social*, São Paulo, v. 13, n. 2, Nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702001000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 15 Ag. 2009.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 4.ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

NAVARRO, Vera Lúcia. *A produção de couro em Franca (SP): a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho*. Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Araraquara: 1998.

ORSOLIN, Luciana Trombini e TOROSSIAN, Sandra Djambolakdjian. *Carto(foto)grafando o encontro de migrantes brasileiros com a China*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Jan/ 2008.

RAMÃO, Silvia Regina; MENEGHEL, Stela Nazareth; OLIVEIRA, Carmen. Nos caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. *Psicologia e Sociedade*. vol.17, no.2. Porto Alegre, Maio/Agosto, 2005.

RAITZ, Tânia Regina; PETERS, Luciane Carmem Figueiredo. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 20, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000300011. Acesso em: 15 Ag. 2009.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LEDA, Denise Bessa. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. vol.4, no.2, dez 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300006&lng=es&nrm=>. Acesso em 29 Mar. 2007.

SILVA, Lucas Neiva; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, v. 7, nº 2. 2002.

TACCA, Fernando. Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. *Psicologia e Sociedade*, vol. 17, nº 3. Porto Alegre, Set/Dez 2005.

VAUGHN, S.; SCHUMM, J. S.; SINAGUB, J. (1996) *Focus Group Interviews in Education and Psychology*. Thousand Oaks: Sage Publications.